

De Bentinho a Bento Santiago: masculinidades deslizantes

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO)

Débora Maia de Freitas (mestranda, UNICENTRO)

Resumo: A problematização da masculinidade no campo das Ciências Humanas e das Ciências Sociais é recente. Diferente do que aconteceu com as mulheres, que se tornaram objeto de estudo já na década de 1970 e ganharam visibilidade nos anos 1980 com a adoção da perspectiva de gênero, os homens converteram-se em objeto de pesquisa, apenas, em meados dos anos 1990. Aprender os aspectos que permeiam a formação das masculinidades torna-se relevante à medida que pode colocar em xeque os estereótipos construídos sobre o masculino que são responsáveis por perpetuar práticas e discursos machistas e opressores. Com essa proposta de trabalho, que será norteada pelos Estudos culturais e pelos Estudos de Gênero, pretendemos trazer à tona o oportuno debate sobre a identidade masculina e as masculinidades que a compõem. Nesse intuito, recorreremos à análise da constituição identitária de Bento Santiago, personagem da obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis, focalizando a infância e a adolescência de Bentinho.

Palavras-chave: Masculinidades, Identidade masculina, Estudos de Gênero, Estudos Culturais, Bento Santiago.

Abstract: The discussion about masculinity in Human and Social Sciences is recent. Unlike what happened to women, who have become an object of study since the 1970s and gained visibility in the 1980s, through a gender perspective, men have become research object only in the mid-1990s. Understanding the factors that underlie the formation of masculinity becomes relevant, as they can put into question the built stereotypes about the male. These are responsible for perpetuating sexist and oppressive practices and speeches. Through this work proposal, which will be guided by Cultural Studies and Gender Studies, we intend to bring out the timely debate on male identity and masculinity comprised by them. So we refer to analysis the construction of Bento Santiago's identity, Machado de Assis' character in *Dom Casmurro*, focusing in Bentinho childhood and teenage.

Keywords: Masculinity, Male Identity, Gender Studies, Cultural Studies, Bento Santiago.

1. Introdução

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1995, p. 11). Essa afirmação de Italo Calvino em *Por que ler os clássicos* (1995), pode nos ajudar a entender porque uma obra como *Dom Casmurro* de Machado de Assis, ainda, desperta tanto interesse, mesmo depois de mais de um século de sua primeira publicação. Segundo Calvino (1995), os clássicos são aqueles livros que sempre precisam ser relidos, nenhuma leitura, porém, é igual à outra, pois a cada leitura novos elementos emergem: “Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira” (CALVINO, 1995, p. 11).

Podemos dizer que, de maneira alegórica, é como se as grandes produções literárias como *Dom Casmurro* fossem compostas por incontáveis fechaduras e a cada nova leitura trouxéssemos conosco uma chave diferente que nos permite abrir mais uma de suas inúmeras portas, acatando a sugestão de Carlos Drummond de Andrade nesses versos de “Procura da poesia”¹: “Chega mais perto e contempla as palavras./ Cada uma/ tem mil faces secretas sob a face neutra/ e te pergunta, sem interesse pela resposta,/ pobre ou terrível, que lhe deres:/ Trouxeste a chave?”

A narrativa autobiográfica de Bento Santiago faz parte do cânone literário brasileiro que, de acordo com o “E-Dicionário de Termos Literários” é composto pelo “corpo de obras (e seus autores) social e institucionalmente consideradas ‘grandes’, ‘geniais’, perenes, comunicando valores humanos essenciais, por isso dignas de serem estudadas e transmitidas de geração em geração”². Desse modo, tanto a ação dos leitores que leem ou releem as grandes produções literárias, quanto dos pesquisadores que, além de ler, procuram, também, esmiuçá-la, contribuem para que essas obras-primas mantenham-se vivas, ou melhor, imortalizadas.

Outra característica importante dos grandes livros é que “quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (CALVINO, 1995, p. 12). Tal fato justifica a grande quantidade de trabalhos científicos relacionados às principais obras literárias do cânone, como é o caso de *Dom Casmurro* que possui milhares de trabalhos nas mais variadas áreas do conhecimento e não, apenas, no campo das Letras. São diferentes possibilidades de leitura que procuram iluminar determinados aspectos da obra-prima de um dos maiores gênios da literatura brasileira.

A genialidade de Machado de Assis, aliás, está presente em toda sua obra, no entanto, ela fica mais evidente na fase realista de sua produção, quando escreveu seus três principais livros: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado no ano de 1881, *Quincas Borba* de 1892 e *Dom Casmurro* de 1900. Esse último, com efeito, tem sido o mais discutido, estudado e, até mesmo, o causador de algumas polêmicas entre críticos literários. A eterna discussão sobre a infidelidade de Capitu está no topo da lista, embora alguns críticos defendam que ela não é essencial e que, portanto, a incerteza

¹ “Procura da poesia”, poema de Carlos Drummond de Andrade publicado, originalmente, no livro *A rosa do povo* de 1945. Disponível em: <http://drummond.memoriaviva.com.br/alguma-poesia/procura-da-poesia/>. Acesso em 24 jul. 2015.

² E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&link_id=525:canone&task=viewlink. Acesso em: 24 jul. 2015.

sobre o adultério não diminui em nada a grandiosidade da obra escrita pelo “bruxo do Cosme Velho”.

O livro é tão sedutor e envolvente que levou pesquisadores, críticos e escritores a se aventurarem na escrita de obras que dialogam, direta ou indiretamente, com o grande clássico de Machado de Assis. É o caso, por exemplo, de *Amor de Capitu* (1998) de Fernando Sabino e *Capitu – memórias póstumas* (1998) de Domicio Proença Filho. Segundo Audemaro Taranto Goulart, no artigo, apropriadamente, denominado “*Dom Casmurro, ainda e sempre*” (2005), essas novas propostas de releitura somadas à imensa relação de artigos, teses, e demais trabalhos suscitados por *Dom Casmurro*, indicam: “o limite mesmo das tentativas de penetrar o texto de Machado, na expectativa de que nele há reentrâncias inexploradas e, por isso mesmo, propícias para desvelar o seu enigma desafiador” (GOULART, 2005, p. 4).

Nossa proposta de trabalho, embora não seja tão audaciosa, pretende levantar o necessário e importante debate sobre a construção da identidade masculina, por meio da análise da constituição identitária ou, mais especificamente, das masculinidades de Bento Santiago. Esperamos, através dessa investigação, compreender as oscilações identitárias vivenciadas pelo personagem ao longo da narrativa e o processo de metamorfose que transforma Bentinho em Dom Casmurro, além de observar a relação entre as masculinidades por ele adotadas e o “modelo de homem” imposto pelos padrões normativos da sociedade. Essa proposta de trabalho será norteada pelos Estudos Culturais e adotará uma perspectiva, predominantemente, sociológica.

2. De Bentinho a Bento Santiago: a construção das masculinidades

Os estudos que visam à investigação das identidades masculinas devem privilegiar uma abordagem interdisciplinar do tema, aproximando teorias e conceitos de diversos campos das Ciências Humanas e das Ciências Sociais como, por exemplo, Sociologia, Letras, Psicologia, História, Antropologia, Filosofia, entre outras. Na opinião de Medrado e Lyra (2005), refletir a respeito da construção social das masculinidades significa:

[...] não apenas apreender e analisar os signos e significados culturais disponíveis sobre o masculino, mas também discutir preconceitos e estereótipos e repensar a possibilidade de construir outras versões e sentidos. Situa-se, portanto, nos usos e efeitos que orientam os jogos de discursos e práticas, ou mais precisamente práticas discursivas, que tendem a transformar diversidade em desigualdade (MEDRADO; LYRA, 2008, p. 825).

Os Estudos Culturais podem ser descritos como um campo de estudos que prioriza uma abordagem crítica e multidisciplinar da cultura e no qual diferentes

disciplinas interagiam. Os Estudos Culturais romperam as barreiras e ultrapassaram os limites da disciplina, transformando-se numa área de estudos transdisciplinar e, com isso, abriram as portas para trabalhos de pesquisa que associam as mais diversas disciplinas como literatura, linguística, semiótica, sociologia, história, psicologia, antropologia, etc. Tal fato justifica a escolha dos Estudos Culturais para guiar o presente trabalho. As investigações desse novo campo de estudos pretendem, basicamente, analisar e compreender as consonâncias entre cultura, sociedade e indivíduo.

Os Estudos Culturais deixaram de lado as distinções elitistas que segregavam a cultura em “superior” e “inferior” ou “alta” e “baixa”. Dessa maneira, qualquer elemento que fosse considerado cultural poderia ser tomado como tema de pesquisa. Isso possibilitou, aos investigadores, uma grande multiplicidade de objetos de análise. Conforme Maria Elisa Cevasco (2009), essa área de estudos pode ser definida como uma “corrente crítica que vem para mudar não só o que se estuda na prática, mas também, de forma crucial, como e para que se estuda, ou seja, a abordagem teórica e a intervenção que se pretende levar a efeito com o trabalho da interpretação” (CEVASCO, 2009, p. 319).

A origem dos Estudos Culturais está, diretamente, relacionada ao *Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS)*, o centro de pesquisas de pós-graduação, da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, que foi fundado pelo professor britânico Richard Hoggart no ano de 1964. Raymond Williams e E. P. Thompson, ao lado de Hoggart, exerceram um papel de grande importância para a consolidação dos Estudos Culturais, pois, além de fundadores desse novo campo de estudos, suas contribuições teóricas foram bastante prolíficas para a sua constituição e desenvolvimento.

Outro nome relacionado ao Centro de Estudos Culturais Contemporâneos que precisa ser destacado é o de Stuart Hall que foi diretor do *CCCS* entre os anos de 1968 e 1979. Hall foi o grande responsável por incentivar o estudo das subculturas e dos meios massivos, além de produzir uma grande quantidade de artigos sobre os mais variados temas relacionados à cultura. Para Mattelart e Neveu (2004), o Centro de Birmingham “foi um caldeirão de cultura de importações teóricas, de trabalhos inovadores com objetos julgados até então indignos do trabalho acadêmico” (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 56).

A construção identitária transformou-se, nas últimas décadas, no principal eixo de pesquisa dos Estudos Culturais. A globalização e a influência dos meios de comunicação sobre a formação das identidades foram aspectos fundamentais que contribuíram para despertar a atenção dos pesquisadores para a questão da identidade.

Esse assunto é considerado bastante complexo e controverso por teóricos como Zygmunt Bauman (2005) e Stuart Hall (2001).

De acordo com Hall (2001), as velhas identidades que, antes, formavam um sujeito unificado, estão, agora, em declínio, cedendo lugar a novas identidades descentradas que estão fragmentando o indivíduo moderno. Isso ocorre porque as sociedades modernas definem-se como “sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2001, p. 14). A sociedade na qual viveu Bento Santiago não pode ser definida como moderna e, embora o personagem também não possa ser classificado como um indivíduo moderno, propriamente dito, ele está longe de ser esse “sujeito unificado”, do qual fala Hall (2001). O próprio narrador afirma:

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo (ASSIS, 2010, p. 22).

Bento Santiago decide escrever um livro para contar sua história de vida, mas, sobretudo, para tentar encontrar a si mesmo, através da narrativa. Ele, porém, percebe que isso não é possível, pois “falta ele mesmo”, ou seja, o homem maduro que narra os acontecimentos de sua vida passada, sob a alcunha de Dom Casmurro, não se encontra ou não se vê naquele Bentinho adolescente que se apaixonou por Capitu. Esse Bentinho das primeiras páginas da obra passou por um longo processo de metamorfose identitária que o transformou em Dom Casmurro. Priorizaremos, nesse artigo, a primeira parte desse processo que inclui a infância e a adolescência de nosso personagem, focalizando a construção da identidade masculina de Bento Santiago, nomeadamente, as masculinidades que a compõem.

Dom Casmurro inicia sua narrativa “por uma célebre tarde de novembro” (ASSIS, 2010, p. 23) do ano de 1857, quando ele contava quinze anos. O narrador não se detém em pormenores sobre sua infância, mas alguns detalhes podem ser apreendidos ao longo do relato. Bentinho foi criado pela mãe, D. Glória, que ficou viúva aos trinta e um anos de idade. D. Glória decidiu continuar vivendo na cidade, ao invés de voltar à fazenda em Itaguaí onde tinha passado a maior parte de sua vida: “Vendeu a fazendola e os escravos, comprou alguns que pôs ao ganho ou alugou, uma dúzia de prédios, certo número de apólices, e deixou-se estar na casa de Matacavalos, onde vivera os dois últimos anos de casada” (ASSIS, 2010, p. 29).

Após a morte do marido Pedro de Albuquerque Santiago, D. Maria da Glória Fernandes Santiago preferiu não se casar novamente, embora não fosse comum, nessa época, que uma mulher ainda tão jovem vivesse sozinha. Com isso, ela assumiu toda a

responsabilidade pela educação do filho e pela administração dos bens da família. Ela tinha em sua companhia, na casa de Matacavalos, além de Bentinho que deveria ter, aproximadamente, quatro anos quando ficou órfão de pai, o irmão Cosme e a prima Justina, ambos viúvos, e, também, José Dias que era o agregado da família.

D. Glória foi uma mãe atenciosa e devotada que encheu Bentinho de cuidados. Na intenção de passar o máximo de tempo possível ao lado do filho, antes que ele fosse para o seminário, optou por educá-lo em casa: “Unicamente, para que nos separássemos o mais tarde possível, fez-me aprender em casa primeiras letras, latim e doutrina, por aquele Padre Cabral, velho amigo do tio Cosme” (ASSIS, 2010, p. 34). Bento Santiago, quando criança, não teve muito contato com pessoas que não fossem do seu convívio familiar. O trecho a seguir é bastante significativo a respeito de sua infância e do modo como foi criado pela mãe:

Posto que nascido na roça (donde vim com dois anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo. Tio Cosme pegou em mim e escanchou-me em cima da besta. Quando me vi no alto (tinha nove anos) sozinho e desamparado, o chão lá embaixo, entrei a gritar desesperadamente: ‘Mamãe! mamãe!’ Ela acudiu, pálida e trêmula, cuidou que me estivessem matando, apeou-me, afagou-me, enquanto o irmão perguntava:

- Mana Glória, pois um tamanhão destes tem medo de besta mansa? (ASSIS, 2010, p. 28).

A passagem acima demonstra que Bentinho foi uma criança bastante mimada e superprotegida pela mãe que, embora soubesse que aprender a montar era necessário para os garotos, pois era costume à época, impede tio Cosme de ensiná-lo, por temer que ele se machucasse. Bento Santiago não teve, durante sua infância, a presença paterna ou, pelo menos, alguém que pudesse representar esse papel. Nem tio Cosme, tampouco José Dias puderam exercer essa função, em parte porque não tinham filhos e, talvez, não soubessem como fazer isso, mas, sobretudo, porque preferiam evitar conflitos com a matriarca da família. Essa ausência, porém, pode ter interferido na construção de sua identidade, pois, conforme Elisabeth Badinter (1993), para a formação do gênero masculino nas sociedades patriarcais:

[...] o genitor, ou qualquer outro homem (ou mesmo um grupo de homens) encarnando a imagem do pai, deve concluir o processo de diferenciação masculina. Trata-se sempre de ajudar a criança a transformar sua primitiva identidade feminina em uma identidade masculina secundária. No sistema patriarcal, os homens utilizaram diferentes métodos para conseguir fazer do jovem, por sua vez, um ‘homem de verdade’ (BADINTER, 1993, p. 69).

Na obra *XY: sobre a identidade masculina* (1993), Badinter discute o padrão de masculinidade imposto aos homens que exige deles provas constantes de sua

“macheza”. Essa virilidade, contudo, não é natural, pelo contrário, ela só é conquistada depois de um longo e difícil percurso e o preço a ser pago por ela é bastante alto. A formação da identidade masculina envolve fatores psicológicos, sociais e culturais: “O próprio homem e aqueles que o cercam têm tão pouca confiança na sua identidade sexual que lhe exigem provas de sua virilidade. ‘Prove que você é homem’ é o desafio que o ser masculino enfrenta permanentemente” (BADINTER, 1993, p. 4).

Conforme Badinter (1993), o sistema patriarcal foi responsável por instituir e colocar no mundo um “homem mutilado” que não consegue pacificar X e Y, ou seja, as heranças paterna e materna: “A construção da masculinidade confundiu-se com um processo de diferenciação. Considera-se o homem digno deste nome quando se cortam todas as suas amarras com o feminino materno” (BADINTER, 1993, p. 125). O conceito proposto por Badinter não se refere a uma mutilação física, na verdade, ele está relacionado à identidade masculina e pode atingir tanto homens heterossexuais, quanto homossexuais. Essas mutilações psicológicas podem ser de dois tipos. A primeira corresponde à “amputação da feminidade, que engendra o *homem durão*, o machista que jamais se reconciliou com os valores maternos”. Já a segunda refere-se “à ausência de virilidade, constatada em muitos homens educados pela mãe e órfãos de pai” (BADINTER, 1993, p. 131, grifo da autora).

O segundo tipo, denominado de *homem mole*, configura-se como um homem desestruturado que vive uma desordem interna, que pode oscilar de uma pequena confusão superficial até uma desorganização mental. Segundo Badinter (1993), os psicanalistas asseveram que a falta ou a ausência do pai é como a falta da coluna vertebral:

Afetivamente, o jovem abandonado pelo pai e iniciado pela mãe arrisca-se a permanecer durante toda a vida um *mama's boy*: um rapaz gentil, irresponsável, que foge aos compromissos do adulto. Inconscientemente, quer continuar sendo o ‘maridinho de sua mãe’, ou reencontrar o mesmo tipo de relação (infantil) com outras mulheres (BADINTER, 1993, p. 154).

As identidades masculinas são construídas, via de regra, em oposição à identidade feminina. Para ser um “homem” é necessário, antes de tudo, não ser como as mulheres e não apresentar características consideradas, naturalmente, femininas como emoção, delicadeza, submissão, etc. Bentinho, entretanto, não teve uma figura masculina representativa que pudesse ajudá-lo a se tornar esse “homem de verdade” ou que pudesse guiá-lo na construção de sua masculinidade. Desse modo, sua principal referência, durante a infância e no início da adolescência, foi a mãe, D. Glória, o que

justifica certas características de Bentinho que não eram comuns aos meninos da sua idade, como a sensibilidade, a submissão e a passividade.

Durante a gestação de Bentinho, D. Glória, que era uma mulher muito religiosa, fez uma promessa: “Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na Igreja. Talvez esperasse uma menina” (ASSIS, 2010, p. 34). Depois da morte do marido, D. Glória ficou aterrorizada com a possibilidade de separar-se do filho, mas como era muito devota e temente a Deus optou por cumprir a promessa.

Desde cedo, ela esforçou-se para fazer com que o filho se afeiçoasse à ideia de ser padre: “brincos de criança, livros devotos, imagens de santos, conversações de casa, tudo convergia para o altar. Quando íamos à missa, dizia-me sempre que era para aprender a ser padre, não tirasse os olhos do padre” (ASSIS, 2010, p. 34). A denúncia de José Dias a D. Glória, no entanto, mudou os rumos dessa história: “Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do *Tartaruga*, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los” (ASSIS, 2010, p. 24, grifo do autor).

Se Bentinho parecia, até então, conformado com a perspectiva de se tornar padre, depois de ouvir o alerta do agregado, essa possibilidade passou a ser motivo de grande aflição e angústia: “Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo [...]. Eu amava Capitu! Capitu amava-me” (ASSIS, 2010, p. 36). A partir daí, Bentinho e Capitu tentam encontrar uma maneira de libertá-lo da promessa feita pela mãe.

O jovem rapaz, porém, não tem coragem de enfrentar a mãe e dizer-lhe que não quer ser padre, embora tenha admitido para Capitu e, mais tarde, para José Dias, a quem pediu ajuda para convencer D. Glória a desistir da ideia de mandá-lo para o seminário: “Estou por tudo o que ela quiser; mamãe sabe que eu faço tudo o que ela manda; estou pronto a ser o que for do seu agrado, até cocheiro de ônibus. Padre, não; não posso ser padre. A carreira é bonita, mas não é para mim” (ASSIS, 2010, p. 54).

A falta de atitude de Bentinho é uma de suas características mais marcantes. Ele procura deixar sob a responsabilidade dos outros, aquilo que ele não tem coragem de fazer como dizer a sua mãe que não queria ir para o seminário, pois não tinha vocação para o sacerdócio. Aconselhado, então, por Capitu, ele deixou essa tarefa a cargo de José Dias: “Conto com o senhor para salvar-me” (ASSIS, 2010, p. 55). Bentinho chegou a pedir ajuda, também, a prima Justina, ela, porém, recusou-se: “Isso não [...] ir falar-lhe sem ser chamada, não faço” (ASSIS, 2010, p. 51).

Uma das principais concepções de masculinidade na cultura ocidental, conforme Grossi (2004), é a que relaciona o sexo masculino à atividade. E essa atividade pode, até mesmo, ser confundida com agressividade. Assim, homem é aquele que age, que toma providências, que chama a responsabilidade para si, que atua e produz. Bentinho, entretanto, faz da passividade uma de suas principais idiossincrasias, deixando a ação sempre ao encargo de outros (ora José Dias ou Prima Justina, ora Capitu ou Escobar), enquanto a defensiva é a posição por ele adotada nas situações de conflito, como, por exemplo, quando ao conversar com sua mãe, tentou confessar-lhe que não tinha vocação para a vida sacerdotal: “Como eu buscasse contestá-la, repreendeu-me sem aspereza, mas com alguma força, e eu tornei ao filho submisso que era” (ASSIS, 2010, p. 79).

Bentinho era um garoto sensível que chorava facilmente e com certa frequência. Quando deixou a casa de sua mãe para ir para o seminário, por exemplo: “Se eu pudesse contar as lágrimas que chorei na véspera e na manhã, somaria mais que todas as vertidas desde Adão e Eva” (ASSIS, 2010, p. 88). Mais adiante, José Dias vai buscá-lo no seminário para visitar a mãe que estava doente. Durante o trajeto, Bentinho desconfia da gravidade da doença de D. Glória: “Senti uma angústia grande, um nó na garganta, e não pude mais, chorei de uma vez”, ele, porém, é repreendido pelo agregado: “Enxugue os olhos, que é feio um mocinho de sua idade andar chorando na rua” (ASSIS, 2010, p. 113).

A negação de qualquer tipo de sensibilidade ao homem, de acordo com Grossi (2004), é uma das mais tradicionais características da masculinidade. A famosa frase “homem não chora” que tem sido, incansavelmente, repetida aos meninos, desde a mais tenra idade, procura estabelecer um padrão que impõe ao sexo masculino o controle de suas emoções, a qualquer custo. De acordo com Nolasco:

O estereótipo do macho exclui estas diferentes dinâmicas subjetivas, fazendo crer ao indivíduo que um homem se faz sob sucessivos absolutos: nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar (NOLASCO, 1993, p. 40).

Para Bentinho, no entanto, a repreensão de José Dias não surtiu efeito, pois, pouco tempo depois, ele volta a derramar lágrimas, dessa vez, porém, por ciúmes de Capitu: “Eu falava-me, eu perseguia-me, eu atirava-me à cama e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol” (ASSIS, 2010, p. 121). O próprio Bentinho, aliás, reconhece a dimensão do ciúme que ele sentia de Capitu:

[...] sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor de minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: ‘Algum peralta da vizinhança’. Em verdade, nunca pensara em tal desastre. [...] nunca me acudiu que

havia peraltas na vizinhança [...]. Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu – e tão senhor me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e inveja. Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal aparecia-me agora, não só possível, mas certo. E a alegria de Capitu confirmava a suspeita; se ela vivia alegre é que já namorava a outro (ASSIS, 2010, p. 106).

Esse sentimento, todavia, é considerado tipicamente feminino e contraria a concepção engendrada socialmente de “homem de verdade”. A maioria dos sentimentos humanos, aliás, são entendidos como típicos das mulheres. Para Grossi (2004, p. 23), “os sentimentos, assim como todos os comportamentos humanos, não são naturais, eles são aprendidos em nosso processo de socialização”. Dessa maneira, os homens são, desde cedo, ensinados, ou melhor, coagidos a controlar, disfarçar ou, até mesmo, omitir suas emoções e sentimentos para manter intacta sua identidade masculina. Com Bentinho, entretanto, isso não acontece, pelo menos durante a adolescência.

3. Conclusão

As identidades múltiplas e instáveis apresentadas por Bentinho na primeira parte da narrativa vão de encontro ao padrão de masculinidade vigente no período. Durante a adolescência, Bentinho apresentava características contrárias ao padrão normativo de “homem de verdade” como, por exemplo, a sensibilidade que o levava às lágrimas com facilidade, a passividade diante de situações que exigiam atitude e coragem, a dificuldade de se impor, especialmente, perante a mãe, além da insegurança com relação à Capitu, que o fazia sentir ciúmes de tudo e de todos.

A constituição identitária do protagonista de *Dom Casmurro*, portanto, desconstrói o estereótipo de masculinidade hegemônica que se baseia na dominação e no poder, aproximando-o de um novo modelo de masculino em que o homem é mais sensível, mais afeito à sentimentalidade e à fragilidade, ou seja, possui uma identidade mais “feminilizada”. Isso não impediu, entretanto, que o personagem, ao longo da vida adulta, adquirisse uma identidade mais condizente com o modelo socialmente imposto de masculino.

Quem é o homem por trás da máscara de Bentinho? Talvez um homem impotente, sensível e incapaz de olhar de frente. Se realmente houve a traição, não é por meio de seus olhos que vê, mas por intermédio das denúncias e dúvidas semeadas por José Dias, reflexo da identidade do narrador, um ser incapaz de reconhecer o que acontece, até nele mesmo. Dessa forma, para não ver sua imagem de homem viril se desfazer, caso as suspeitas fossem confirmadas, preferiu passar o resto de sua existência com a máscara da conveniência, a perder seu status de patriarca. Ele disfarça sua dor e vai acumulando dentro de si amarguras e suposições, desde que sua “macheza” não

fosse colocada à prova. Se houve ou não o adultério é irrelevante; o que importa nesse ardid é a impossibilidade desse homem “viver” sua sensibilidade frente às imposições geradas no seio de uma sociedade que exige do homem atributos ligados à força e a virilidade.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 9. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010. 209 p.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 266p. Tradução de: L'identité masculine.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e estudos culturais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana (Org.). *Teoria Literária: abordagens e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. p. 319 – 325.

GOULART, Audemaro Taranto. *Dom Casmurro, ainda e sempre*. 2005. Disponível em:

<http://www.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQ_UI20121011175017.pdf>. Acesso em: 23 maio 2014.

GROSSI, Miriam Pilar. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis, n 75, p. 1 – 37, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 215 p. Tradução de Introduction aux cultural studies.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, Dez. 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000300005>. Acesso em: 11 Jul. 2014.

NOLASCO, Sócrates Alvares. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993 – (Gênero Plural). 187 p.